



Lucy Maud Montgomery

A BUSCA DE
EMILY

Trilogia da mesma autora de
Anne de Green Gables





Lucy Maud Montgomery

A BUSCA DE
EMILY

Trilogia da mesma autora de
Anne de Green Gables



Principis

Lucy Maud Montgomery

A BUSCA DE
EMILY

Trilogia da mesma autora de
Anne de Green Gables

Tradução: Bruno Amorim



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural

© 2022 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês

Emily's quest

Texto

Lucy Maud Montgomery

Editora

Michele de Souza Barbosa

Tradução

Bruno Amorim

Preparação

Mirtes Ugeda Coscodai

Revisão

Renata Daou Paiva

Produção editorial

Ciranda Cultural

Diagramação

Linea Editora

Design de capa

Ana Dobón

Imagens

Liliana Danila/shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M787b Montgomery, Lucy Maud

A busca de Emily [recurso eletrônico] / Lucy Maud

Montgomery ; traduzido por Bruno Amorim. - Jandira : Principis, 2022.

256 p. ; ePUB ; 1,9 MB. – (Clássicos da literatura mundial ; v.3)

Tradução de: Emily's quest

ISBN: 978-65-5552-345-4

1. Literatura infantojuvenil. 2. Literatura canadense. 3.

Amor. 4. Feminismo. 5. Opressão. I. Amorim, Bruno. II. Título.

III. Série.

2022-0687

CDD 028.5

CDU 82-93

Elaborado por Lucio Feitosa - CRB-8/8803

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5

2. Literatura infantojuvenil 82-93

1a edição em 2022

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Esta obra reproduz costumes e comportamentos da época em que foi escrita.

Para Stella Campbell Keller,

da tribo de José



Capítulo 1

1

“Basta de chá aguado!” [1](#), escreveu Emily Byrd Starr em seu diário ao voltar de Shrewsbury, deixando o Ensino Médio para trás e tendo a imortalidade pela frente.

Essa mudança tinha um significado simbólico. Ao deixar que Emily bebesse chá puro (não como uma concessão ocasional, mas como algo definitivo), a tia Elizabeth Murray consentia tacitamente em permitir que a sobrinha crescesse. Já fazia tempo que outras pessoas a consideravam adulta, como seu primo Andrew Murray e

seu amigo Perry Miller, que haviam lhe pedido em casamento, sendo desdenhosamente rejeitados. Quando soube disso, a tia Elizabeth percebeu quão inútil era continuar obrigando a moça a beber chá aguado. Por outro lado, Emily não tinha muita esperança de algum dia conseguir permissão para usar meias de seda. Como ficaria escondida, uma anágua de seda até poderia ser tolerada, apesar de seu roçar sedutor; meias de seda, contudo, eram inadmissivelmente imorais.

Com esse acontecimento, Emily (que era descrita pelas pessoas como “a que escreve”) passou a fazer parte do círculo de damas de Lua Nova, onde nada havia mudado desde que ela chegara ali, sete anos antes: o ornamento entalhado sobre o aparador ainda projetava a mesma sombra bizarra na parede, no formato de uma silhueta etíope, exatamente como ela havia notado na primeira noite

que passara ali. Aquela era uma casa antiga, cuja vida havia atingido seu ápice há muito e muito tempo, de modo que agora se encontrava plácida, sábia e um tanto misteriosa. Um pouco austera também, mas muito gentil. Para alguns moradores de Blair Water e de Shrewsbury, aquele era um lugar sem graça, pouco promissor para uma jovem como Emily; diziam que ela havia sido tola em recusar a oferta da senhorita Royal de “ir trabalhar em uma revista de Nova Iorque”. Que absurdo jogar fora uma oportunidade tão boa de ser alguém na vida! De sua parte, Emily tinha uma ideia muito clara do que queria ser; não achava que sua vida seria sem graça em Lua Nova nem que havia perdido a chance de escalar o Caminho Alpino por ter decidido ficar ali.

Por direito divino, ela pertencia à Nobre e Antiga Ordem dos Contadores de Histórias. Se tivesse nascido alguns milênios antes, teria encantado os membros de sua tribo em volta de uma fogueira.

Contudo, tendo vindo ao mundo em tempos mais contemporâneos, coube a ela alcançar seu público por outros meios, um tanto artificiais.

De qualquer maneira, o material com o qual se tecem as histórias é o mesmo em todas as épocas e lugares. Nascimentos, mortes, casamentos e escândalos: esses são os únicos acontecimentos verdadeiramente interessantes no mundo. Desse modo, Emily se sentia alegremente determinada a prosseguir com sua busca por fama e fortuna, bem como por algo mais, que não era nenhuma dessas duas coisas. Isso porque, para Emily Byrd Starr, a motivação principal da escrita não era o lucro e a glória. Era algo que ela *precisava* fazer. As coisas (as ideias), fossem elas belas ou feias, torturavam a mente de Emily até que fossem “postas no papel”. Por sua natureza cômica e dramática, sentia-se compelida a descrever

com a pena as comédias e as tragédias da vida que tanto a fascinavam. Para além da cortina do real, jazia um mundo de sonhos perdidos, porém imortais, que clamava para ser materializado e interpretado por ela; e o fazia em uma voz que ela não podia e não ousava ignorar.

Sentia-se plena de juventude e de alegria pelo mero fato de existir.

A vida estava sempre a atraí-la e a compeli-la adiante. Tinha consciência das dificuldades que estavam por vir; sabia que ainda ofenderia muitos vizinhos, desses que lhe pediam para escrever obituários e depois desdenhavam dela quando encontravam alguma palavra pouco familiar no texto, dizendo que ela gostava de “falar difícil”; sabia que as cartas de rejeição ainda abundariam; sabia que haveria dias em que, desesperada, se sentiria incapaz de escrever, como se tentar fosse inútil; dias em que o bordão editorial “isto não diminui em nada seus méritos” lhe dava nos nervos, e ela tinha vontade de imitar Marie Bashkirtseff² e arremessar pela janela o relógio que tiquetaqueava zombeteiro e implacável na sala de estar; dias em que tudo que ela já havia feito ou tentado fazer perdia o brilho, tornando-se medíocre e desprezível; dias em que se via tentada a duvidar de sua convicção fundamental de que havia tanta verdade na poesia da vida quanto na prosa; dias em que o eco da

“palavra aleatória” dos deuses – que, com afã, ela se esforçava para ouvir – parecia apenas provocá-la com suas sugestões de beleza e

perfeição inatingíveis, fora do alcance dos ouvidos e das penas dos mortais.

Ela sabia que a tia Elizabeth tolerava, mas não aprovava sua mania de escrever. Em seus dois últimos anos no Liceu de Shrewsbury, Emily havia de fato conseguido ganhar algum dinheiro com seus versos e contos, para o enorme assombro da incrédula tia

Elizabeth. Daí vinha a tolerância. Ainda assim, nenhum Murray havia feito isso antes. Além disso, havia sempre aquela sensação de estar por fora de algo, que tanto incomodava dona Elizabeth Murray. A tia Elizabeth realmente se incomodava com o fato de Emily dispor de um outro mundo à parte, separado do de Lua Nova e Blair Water; um reino estrelado e ilimitável no qual ela podia se refugiar sempre que quisesse e no qual nem mesmo a mais determinada e desconfiada das tias podia segui-la. Chego a achar que, se os olhos de Emily não se perdessem tão frequentemente em sonhos belos e secretos, a tia Elizabeth talvez fosse mais solidária com suas ambições. Ninguém gosta de ser deixado de fora, nem mesmo os Murrys de Lua Nova, por mais autossuficientes que fossem.

2

Os leitores que vêm acompanhando Emily ao longo dos anos, em Lua Nova e Shrewsbury, já devem ter uma boa noção da aparência dela. Para aqueles que ainda não a conhecem, permitam-me traçar um esboço de sua aparência sob a aura mágica dos dezessete anos, caminhando, em uma tarde de outono, por um velho jardim litorâneo iluminado por crisântemos dourados. Trata-se do jardim de Lua Nova, um lugar de paz e calma. Um éden encantado, cheio de cores ricas e envolventes, mas também de sombras fantásticas e misteriosas. A fragrância das rosas e dos pinheiros o perfumava; o zumbido das abelhas, a monodia do vento e os murmúrios do golfo azul o embalavam; e a todo tempo ouvia-se nele o suspirar suave que emanava dos abetos no bosque do altivo John Sullivan, mais a norte. Emily amava cada flor e cada sombra naquele jardim, bem como cada uma de suas belas e inveteradas árvores, em especial

as que lhe eram mais íntimas e queridas: as cerejeiras-silvestres a sudoeste; as Três Princesas da Lombardia; a ameixeira-silvestre com ares de donzela junto ao caminho do riacho; o abeto gigante bem no centro; o bordo-prateado e o pinheiro mais além; o álamo do outro lado, sempre se insinuando alegremente ao vento; e a fileira de imponentes bétulas brancas no bosque de John Sullivan.

Emily sentia-se plenamente feliz por morar em um lugar cheio de árvores tão longevas, plantadas e regadas por quem se foi há tanto tempo, marcadas pelas alegrias e tristezas das muitas vidas que se passaram sob as sombras de suas frondes.

Era jovem, magra e virginal. Seus cabelos eram como seda negra.

Seus olhos eram violeta-acinzentados, e sob eles havia atraentes manchas escuras que se acentuavam ainda mais sempre que Emily avançava até altas horas terminando algum conto ou trabalhando no esboço de alguma trama, muito a contragosto da tia Elizabeth. Nos cantos de seus lábios escarlates, destacava-se a típica marca de expressão dos Murrays, e suas orelhas eram pontudas como as de um duende levado. Talvez fosse justamente por conta dessa marca de expressão e dessas orelhas pontudas que as pessoas vissem nela um ar meio felino. Seu pescoço e seu queixo tinham um desenho formidável; seu sorriso escondia um truque: abria-se devagar, mas logo resplandecia em sua completude. Tinha tornozelos bonitos, para os quais a polêmica tia Nancy Priest, de Priest Pond, não poupava elogios. Suas bochechas redondas e levemente rosadas assumiam, vez por outra, um tom mais escuro, carmesim. Eram raros os eventos capazes de suscitar esse rubor em suas faces: um vento vindo do mar; uma inesperada paisagem de planaltos verdejantes; o vermelho incandescente de uma papoula; as velas brancas dos barcos se afastando do porto na

magia da manhã; o brilho prateado das águas do golfo nas noites de luar; o pálido azul das aquilégias no antigo jardim; ou um certo assobio vindo do bosque de John Sullivan.

Isto posto, era bonita? Não sei dizer. Emily nunca era mencionada nas listas de beldades de Blair Water. Todavia, quem via seu rosto jamais o esquecia. Nunca houve alguém que, tendo encontrado Emily alguma vez, dissesse “Hum... seu rosto me parece familiar, mas...” ao revê-la. Era precedida por gerações de mulheres adoráveis e havia herdado traços da personalidade de cada uma delas. Era graciosa como a água e, de certa maneira, igualmente límpida e cintilante. Um pensamento tinha o poder de abalá-la como um vento forte. Um sentimento era capaz de agitá-la como uma tempestade agita uma rosa. Era uma criatura cheia de vida, dessas que, quando morrem, nos deixam com a sensação de ser impossível que estejam de fato mortas. Contrastando com o pragmatismo circunspecto de seu clã, ela reluzia como a chama de um diamante. Muitos gostavam dela; muitos não. O fato é que ninguém lhe era de todo indiferente.

Certa vez, quando ainda era uma menininha morando com o pai na pequena casa de Maywood, onde ele morreu, Emily saiu em busca do final do arco-íris. Cheia de esperança e expectativa, ela correu por vastos charcos e altas colinas. No entanto, enquanto corria, o arco-íris foi se desvanecendo mais e mais, até que sumiu.

Emily viu-se só em um vale desconhecido, sem saber muito bem para que lado ficava sua casa. Por um momento, seus lábios tremeram e seus olhos marejaram. Contudo, ela logo ergueu o rosto e sorriu valorosamente para o céu vazio.

– Outros arco-íris virão! – exclamou.

Emily era uma caçadora de arco-íris.

3

A vida em Lua Nova havia mudado. Emily precisava se ajustar a ela. Era preciso adequar-se à solidão. Ilse Burnley, sua companheira desvairada de sete maravilhosos anos, havia partido para a Escola de Literatura e Oratória de Montreal. As duas moças se despediram em meio às lágrimas e às promessas típicas da juventude. Todavia,

nunca mais voltariam a se ver na mesma situação. Isso porque, por mais que queiramos disfarçar a realidade, o fato é que, quando dois amigos, por mais próximos que sejam, e talvez justamente por conta dessa proximidade, se reencontram depois de uma separação, há sempre uma frieza, em maior ou menor grau, que é fruto da mudança. Um jamais encontra o outro *exatamente* como o deixou.

Isso é natural e inevitável. A natureza humana ou progride ou regride, mas nunca permanece estática. Ainda assim, apesar de toda essa filosofia, quem entre nós seria capaz de conter o sentimento de atônita decepção ao dar-se conta de que um amigo não é e nunca mais voltará a ser o mesmo de antes (mesmo que a mudança tenha sido para melhor)? Ao contrário de Ilse, Emily percebeu isso, com aquela estranha intuição que compensava sua falta de experiência, e teve a sensação de estar dizendo adeus à amiga dos tempos de Lua Nova e de Shrewsbury.

Da mesma maneira, Perry Miller, o antigo “criado” de Lua Nova, medalhista do Liceu de Shrewsbury, pretendente rejeitado (mas ainda esperançoso) de Emily e causador dos acessos de cólera de Ilse, também havia partido. Perry estava estudando direito em um escritório de Charlottetown³, com os olhos fixos em objetivos cintilantes para sua carreira jurídica. Com Perry, não havia essa de pote de ouro no fim do arco-íris. Ele tinha convicção de que seus objetivos não sairiam do lugar e estava determinado a persegui-los.

As pessoas começavam a acreditar que ele os alcançaria. Afinal, o abismo entre o escritório de advocacia do doutor Abel e a Suprema Corte do Canadá não era nem um pouco maior do que o abismo entre esse mesmo escritório e o vilarejo portuário de Stovepipe Town.

Teddy Kent é que era mais do tipo sonhador. O jovem morador do Sítio dos Tanacetos também estava para partir: iria para a Escola de Desenho de Montreal. Como Emily, ele também conhecia bem, e há muito tempo, o prazer, a fascinação e a angústia que permeiam a busca pelo fim do arco-íris.

– Mesmo que nós nunca cheguemos lá – disse ele a Emily enquanto passeavam pelo jardim de Lua Nova, sob o céu violeta de um longo e arrebatador entardecer boreal, na véspera de sua partida –, tem algo nessa busca que é melhor do que o próprio objetivo em si.

– Mas nós *vamos* chegar lá – respondeu Emily, erguendo os olhos para admirar uma estrela que brilhava acima de uma das Três Princesas. Algo naquele “nós” de Teddy a comovera, por conta das implicações que ele trazia. Emily sempre fora muito honesta consigo mesma e jamais tentou fechar os olhos para o fato de que, para ela, Teddy Kent significava mais do que qualquer outra pessoa. Por outro lado, o que *ela* significava para ele? Pouca coisa? Muita coisa? Ou absolutamente nada?

Ela tinha os cabelos ao vento e havia metido neles um pequeno buquê de crisântemos amarelos que mais parecia uma estrela.

Havia pensado bastante sobre o que vestir, até que se decidiu por um vestido de seda amarelo-pálido. Pensou que estava muito bonita, mas que diferença faria isso se Teddy não o notasse? Ele nunca reconhecia seus esforços, pensou ela, um tanto contrariada.

Ao contrário dele, Dean Priest teria notado sua aparência e lhe feito algum elogio sutil.

– Sei lá... – retrucou Teddy, taciturno, fazendo uma careta para Ciso, o gato cinza de Emily com olhos cor de topázio, que se insinuava furtivamente por entre os arbustos de grinalda-de-noiva feito um tigre à espreita. – Sei lá... Agora que me vejo prestes a partir, me sinto meio... desenhado. Afinal, é possível que eu nunca chegue a fazer nada de valor. De que vale um pouco de talento para o desenho? Em especial quando se está acordado às três da manhã, olhando para o teto?

– Ah, conheço bem essa sensação! – concordou Emily. – Esta noite, eu remoí um conto por horas a fio, até que por fim decidi que *jamais* conseguiria escrever, que era inútil tentar, que eu jamais faria nada que de fato tivesse algum valor. Fui deitar pensando nisso e

encharquei o travesseiro de lágrimas. Acordei às três da manhã e já não conseguia mais chorar. As lágrimas pareciam tão inúteis quanto o riso... ou a ambição. Eu estava inteiramente vazia de esperança e fé. Então, quando me levantei naquela manhã fria e cinzenta, logo comecei a escrever um conto novo. Não deixe que os pensamentos que vêm às três da manhã perturbem sua alma.

– O problema é que, infelizmente, toda noite tem suas três horas da manhã – retorquiu Teddy. – Nesse momento infernal da madrugada, eu sempre tendo a crer que, quando desejamos *muito* alguma coisa, é bastante improvável que consigamos alcançá-la. E

há duas coisas que eu desejo fervorosamente. Uma, obviamente, é me tornar um grande artista. Eu nunca imaginei que fosse covarde, Emily, mas agora tenho medo. E se nada der certo para mim? Vou ser motivo de chacota! Minha mãe vai dizer que já sabia. Ela detesta a ideia de me ver partir, você bem sabe. Imagine se eu for e

fracassar! Seria melhor não ter ido.

– Não seria, não! – retrucou Emily, decidida, ao mesmo tempo em que se perguntava qual seria a *outra* coisa que Teddy desejava tão fervorosamente. – Você não deve ter medo. Na conversa que teve comigo antes de morrer, meu pai me disse que eu não deveria ter medo de nada. E não foi [Emerson4](#) quem disse: “Sempre faça aquilo de que tem medo”?

– Aposto que Emerson disse isso quando já havia passado da fase de ter medo das coisas. É fácil demonstrar coragem quando as batalhas estão vencidas.

– Você sabe que eu acredito em você, Teddy – disse Emily, carinhosa.

– Sei, sim. Você e o professor Carpenter são os únicos que realmente acreditam em mim. Até a Ilse acha que o Perry tem muito mais chance de botar o pão na mesa do que eu.

– Mas você não está indo atrás de pão. Está indo atrás do pote de ouro no fim do arco-íris.

– E se eu fracassar e te decepcionar, vai ser a pior coisa de todas.

– Você *não vai* fracassar. Olhe aquela estrela, Teddy; a que está logo acima da Princesa mais jovem. É a estrela Vega, da constelação de Lira. Sempre a adorei. É minha estrela mais querida de todas. Você se lembra de como, antigamente, você, Ilse e eu nos sentávamos no jardim ao entardecer enquanto o primo Jimmy cozinhava batatas para os porcos? Você costumava contar umas histórias maravilhosas sobre essa estrela e sobre a vida que você viveu nela antes de vir para este mundo. As três horas da manhã nunca foram um problema em Vega.

– Como éramos felizes e despreocupados naquela época! –

relembrou Teddy em tom saudosista, como se fosse um homem de meia-idade, sobrecarregado de responsabilidades, que rememora com nostalgia a leveza da juventude.

– Quero que me prometa que, sempre que olhar para essa estrela, vai se lembrar que eu acredito em você... *muito* – exigiu Emily.

– E eu quero que você *me* prometa que, sempre que olhar para ela, vai se lembrar de mim – retorquiu Teddy. – Ou melhor, vamos combinar que, *sempre* que olharmos para essa estrela, vamos pensar um no outro, onde quer que estejamos e pelo tempo que vivamos.

– Combinado! – assentiu Emily, emocionada. Ela adorava quando Teddy a olhava daquela forma.

Um pacto romântico. Que significado tinha aquilo? Emily não sabia. Sabia apenas que Teddy estava de partida; que, subitamente, a vida parecia muito fria e sem graça; que o vento que vinha do golfo, suspirando por entre as árvores do bosque de John Sullivan, soava bastante pesaroso; que o verão havia chegado ao fim, e o outono

estava apenas começando; e que o pote de ouro no fim do arco-íris estava em alguma colina muito, muito distante.

Por que ela havia dito aquilo sobre a estrela? Por que será que o crepúsculo, o cheiro dos pinheiros e o arrebol dos entardeceres de outono fazem as pessoas dizerem as coisas mais absurdas?

1 Em inglês, *Cambric tea*, que é um chá mais fraco, diluído com água e leite, próprio para crianças. (N.T.)

2 Marie Bashkirtseff (1858-1884): escritora e artista ucraniana. A referência a Bashkirtseff parece ter significados subjacentes, posto que ela morreu de tuberculose, doença que assombra Emily desde o primeiro livro. (N.T.)

3 Até o século XIX, na América do Norte, era comum que os aspirantes à advocacia e à carreira jurídica não tivessem uma educação superior formal, mas sim que passassem por um período de aprendizagem junto a um profissional mais experiente. Parece ser o caso de Perry Miller. (N.T.)

4 Ralph Waldo Emerson (1803-1882): escritor estadunidense. (N.T.)



Capítulo 2

1

“LUA NOVA

18 DE NOVEMBRO DE 19...

Hoje, saiu a edição de dezembro da revista *Marchwood*, contendo meu poema ‘Voo dourado’. Considero esse acontecimento digno de

menção em meu diário, porque meu poema ocupou sozinho uma página inteira da revista, além de ter sido ilustrado. Foi a primeira vez que uma obra minha foi tão nobilitada. Creio que o poema não seja lá grande coisa; o professor Carpenter contentou-se em fungar quando o li para ele e recusou-se a tecer qualquer comentário que fosse. Ele nunca disfarça uma crítica com elogios chochos, mas é plenamente capaz de condenar algo da maneira mais peremptória possível apenas com a eloquência de seu silêncio. Todavia, o poema *parecia* tão formidável que o leitor incauto poderia crer que havia de fato algo nele. Abençoado seja o bom editor que se inspirou a mandar ilustrá-lo. Isso fez aumentar bastante minha autoestima.

Contudo, não me importei tanto com a ilustração em si. O artista não representou nada bem minha ideia. Teddy teria feito melhor.

Teddy está indo muito bem na Escola de Desenho. E Vega brilha radiante todas as noites. Será que ele realmente pensa em mim sempre que a vê? Será que ele consegue vê-la? Talvez as lâmpadas elétricas de Montreal a ofusquem. Parece que ele e Ilse

se veem bastante. É ótimo que eles tenham um ombro amigo naquela cidade grande em que ninguém se conhece.”

2

“26 DE NOVEMBRO DE 19...

A tarde de hoje foi esplendorosa, como costumam ser as de novembro: tinha a suavidade do verão e a doçura do outono. Passei horas lendo no cemitério junto ao lago. A tia Elizabeth acha que esse é um lugar macabro demais para se passar o tempo e confessou à tia Laura seu medo de que eu tenha um lado meio mórbido. Não vejo nada de mórbido nisso. É um lugar bonito, para onde os ventos que cruzam o lago trazem perfumes doces e silvestres. É também muito quieto e calmo, com os túmulos ao redor:

pequenos

montículos

verdejantes,

salpicados

de

samambaias. Homens e mulheres de meu clã jazem ali. Homens e mulheres que foram vitoriosos; homens e mulheres que foram derrotados; e agora suas vitórias e derrotas são uma coisa só. Eu nunca me sinto nem extática nem deprimida demais naquele lugar.

A dor e a amargura das coisas desaparecem. Me agradam as lápides vermelhas de arenito, em especial a de Mary Murray, com a inscrição “Daqui eu não saio”, frase com a qual seu marido deu vazão ao fel velado de toda uma vida. O túmulo dele é logo ao lado do dela, e tenho convicção de que já se perdoaram há muito tempo.

E talvez retornem vez por outra, na escuridão da noite, para observar a inscrição e rir dela. A frase já está ficando ilegível, coberta de musgo. O primo Jimmy já desistiu de limpá-la. Algum dia, não passará de uma mancha verde, vermelha e prateada na velha lápide de arenito.”

“20 DE DEZEMBRO DE 19...

Aconteceu algo maravilhoso hoje. Estou saltando de alegria. A revista *Madison* aprovou meu conto, ‘A falha na acusação’!!!! Sim, esses pontos de exclamação são todos necessários! Se não fosse pelo professor Carpenter, eu teria escrito tudo em itálico. Itálico!

Não, eu usaria maiúsculas. É difícil conseguir publicar nessa revista. Eu que o diga! Afinal, eu tentei repetidas vezes sem receber nada por meus esforços além de uma coleção de bilhetes começados com “Lamentavelmente...”. Finalmente, eles abriram as portas para mim. Sair na *Madison's* é um claro e incontestável sinal de que se está chegando a algum lugar no Caminho Alpino. O

querido editor ainda teve a gentileza de dizer que meu conto era encantador.

Que sujeito simpático!

Ele me enviou um cheque de cinquenta dólares. Logo conseguirei pagar a tia Ruth e o tio Wallace pelo que gastaram comigo em Shrewsbury. A tia Elizabeth, como sempre, olhou para o cheque com desconfiança, mas se absteve de sugerir que o banco pudesse não querer descontá-lo. Os belos olhos azuis da tia Laura brilharam de orgulho. E eles de fato brilham muito. São olhos vitorianos. Os olhos eduardianos reluzem, cintilam e seduzem, mas nunca

[brilham5](#). E, por algum motivo, eu realmente gosto de olhos que brilham, em especial quando é pelo meu sucesso.

O primo Jimmy disse que a *Madison* vale mais do que todas as outras revistas americanas juntas, na opinião *dele*.

Será que Dean vai gostar do ‘A falha na acusação’? E, se gostar, será que vai admitir? Ultimamente, ele *nunca* elogia nada que eu escrevo. E sinto uma ânsia tão forte de constrangê-lo a isso. Sinto que a validação dele é a única que importa, além da do professor Carpenter.

Há algo de estranho em Dean. De alguma forma, ele parece estar ficando mais jovem. Alguns anos atrás, ele me parecia bastante velho. Agora, parece apenas um homem de meia-idade. Se continuar assim, ele logo não passará de um mero rapaz. Acho que, na verdade, sou eu que começo a amadurecer e a emparelhar com ele. A tia Elizabeth continua não gostando da minha amizade com Dean. Ela nutre uma antipatia patente por todos os Priests. Mas eu não sei o que faria sem a amizade dele. É ele quem dá sabor à vida.”

“15 DE JANEIRO DE 19...

O dia hoje foi de tempestade. Passei a noite em claro ontem depois de receber a recusa de quatro manuscritos que me pareciam muito bons. Como previu a senhorita Royal, me senti uma baita idiota por não ter ido para Nova Iorque com ela quando tive a chance. Ah, não me surpreende que os bebês chorem quando acordam à noite. É

algo que, não raro, eu também tenho vontade de fazer. Nesses momentos, sinto um peso enorme no peito e não consigo ver luz no fim do túnel. Passei a manhã melancólica e cabisbaixa, ansiosa pela chegada do correio para me tirar dessa prostração. Eu sempre senti um fascínio cheio de expectativa e incerteza com relação ao correio. O que ele me traria? Uma carta de Teddy? Teddy sempre escrevia as cartas mais encantadoras. Um belo envelope fino contendo um cheque? Ou um terrível envelope grosso, denunciando eloquentemente a recusa de mais um manuscrito? Ou seriam as maravilhosas garatujas de Ilse?

Nenhuma dessas coisas. Apenas uma carta enraivecida de minha prima de segundo grau Beulah Grant, de Derry Pond, que estava furiosa porque achava que eu a havia “colocado” no meu conto

‘Tolos de hábito’, recentemente publicado em um jornal rural

canadense de grande circulação. Ela me escreveu umas linhas bastante repreensivas, que eu recebi hoje. Disse que eu “deveria ter poupado esta amiga que sempre lhe desejou o bem”; que não está

“acostumada a ser ridicularizada nos jornais”; e que, no futuro, eu fizesse a gentileza de não a tornar alvo do meu escárnio na imprensa. À sua maneira, a prima Beulah sabe brandir a pena com irreverência quando necessário e, embora algumas das coisas que escreveu tenham me machucado, outras definitivamente me tiraram do sério. Eu sequer *pensei* nela enquanto escrevia o conto. A personagem da tia Kate é puramente ficcional. E, mesmo se *tivesse* pensado, eu definitivamente não a teria colocado em meu conto. Ela é burra e comezinha demais. Além disso, não tem absolutamente nada que ver com a tia Kate, que é, modéstia à parte, uma senhora bastante intensa, lépida e espirituosa.

Contudo, a prima Beulah também escreveu para a tia Elizabeth, e isso causou um alvoroço na família. A tia Elizabeth não acredita na minha inocência; segundo ela, a tia Kate é uma caricatura perfeita da prima Beulah. Ela me pediu encarecidamente (os pedidos

encarecidos da tia Elizabeth são maravilhosos) para *não* satirizar nossos parentes em minhas próximas obras.

– Ganhar dinheiro às custas das características pessoais de uma amiga não é algo que uma Murray faça – disse tia Elizabeth, muito imponente.

Eis aí mais uma das previsões da senhorita Royal se cumprindo.

Ah, será que ela estava certa em tudo que disse? Se estiver...

Mas o golpe mais duro veio do primo Jimmy, que deu boas gargalhadas lendo “Tolos de hábito”.

– Não dê importância à Beulah, gatinha – sussurrou ele. – Aquilo estava muito bom! Você a pintou direitinho na tia Kate. Eu a

reconheci antes mesmo de terminar a primeira página. Reconheci por causa do nariz.

Aí está! Eu tive o infortúnio de dotar a tia Kate de um ‘nariz longo e curvado’. E não se pode negar que a prima Beulah também dispõe de um nariz igualmente longo e curvado. Muita gente já foi enforcada por conta de evidências bem menos comprometedoras.

De nada adiantou insistir desesperadamente que eu sequer pensara na prima Beulah. O primo Jimmy se contentou em assentir com a cabeça em meio às risadas.

– Ah, sim. Claro! É melhor manter segredo. Com essas coisas, é melhor manter segredo.

O pior de tudo é que, se a tia Kate realmente for idêntica à prima Beulah Grant, então eu falhei miseravelmente naquilo que tentava fazer.

De qualquer maneira, me sinto bem melhor agora que escrevi isto. Botei para fora o ressentimento, a revolta e o desânimo que guardava aqui dentro.

Acredito que essa seja a finalidade maior de um diário.”

3

“3 DE FEVEREIRO DE 19...

Hoje foi um ‘dia bom’. Recebi três aceites. E um editor pediu que eu lhe enviasse mais alguns contos. Para ser sincera, detesto quando um editor me pede para enviar algo. De certa forma, é muito pior do que mandar um material sem que me peçam. A humilhação de receber uma recusa é muito menor quando se envia um manuscrito para um desconhecido atrás de uma escrivantina a milhares de quilômetros.

Também decidi que não consigo escrever contos ‘por encomenda’.

É um trabalho dos diabos. Eu tentei um dia desses. O editor da revista *Vozes da Juventude* pediu que eu escrevesse um conto seguindo algumas orientações. Escrevi. Ele devolveu pontuando alguns problemas e pedindo que eu o reescrevesse. Tentei. Escrevi, reescrevi, editei e revisei, até que em dado momento meu manuscrito mais parecia uma colcha maluca de retalhos em tons de preto, azul e vermelho. Por fim, destampeei uma das bocas do fogão a lenha e meti lá dentro o original e todas as suas variações.

Depois dessa, só vou escrever o que quero. E os editores que vão para o... para a igreja!

Hoje a noite é de neblina, aurora boreal e lua nova.”

4

“16 DE FEVEREIRO DE 19...

Hoje, meu conto ‘O preço do escárnio’ foi publicado no periódico mensal *O Lar*. Mas não botaram meu nome na capa, e eu tive que me contentar em estar no ‘entre outros’. Por outro lado, para compensar, a revista *Dias de mocidade* se referiu a mim como

‘nossa conhecida e apreciada colaboradora das edições deste ano’.

O primo Jimmy leu e releu esse prólogo do editor uma meia dúzia de vezes, e eu o ouvi resmungando ‘conhecida e apreciada’

enquanto quebrava alguns gravetos para usar de lenha. Depois, ele foi até o mercadinho da esquina e me comprou um caderno Jimmy novo. Todas as vezes que alcanço um novo marco no Caminho Alpino, o primo Jimmy comemora me dando um caderno Jimmy novo. Eu nunca compro meus cadernos. Se o fizesse, ele ficaria bastante magoado. Ele sempre observa a pequena pilha de cadernos na minha escrivaninha com espanto e admiração, convicto de que, em meio à miscelânea de anotações, descrições e

personagens contida neles, se esconde o que há de mais maravilhoso na literatura.

Sempre peço que Dean leia meus contos. É algo que não consigo evitar, muito embora ele sempre os devolva sem nenhum comentário, ou, pior que isso, com elogios chochos. Desenvolvi uma certa obsessão em conseguir fazer com que ele admita que *sei* escrever decentemente. Conseguir isso seria triunfal. Até que ele o faça, se é que o fará, tudo não passará de pó e cinza. Porque... ele *sabe*.”

5

“2 DE ABRIL DE 19...

A primavera inspirou um certo jovem de Shrewsbury que vez por outra aparece em Lua Nova. Não se trata de um pretendente que a Casa de Murray veja com bons olhos. Tampouco goza da aprovação de Emily B. Starr, que, no fim das contas, é a que realmente importa. A tia Elizabeth ficou bastante insatisfeita porque fui com ele a um concerto. Quando cheguei, ela estava acordada à minha espera.

– Viu que não fugi com ele, tia Elizabeth? – perguntei. – Prometo que nunca farei isso. Se algum dia eu quiser me casar com alguém, vou avisá-la e me casarei, queira a senhora ou não.

Não sei se a tia Elizabeth foi dormir mais tranquila depois disso.

Minha mãe fugiu – graças aos céus! –, e minha tia tem uma fé inabalável na hereditariedade.”

6

“15 DE ABRIL DE 19...

Esta noite, subi a colina e caminhei à luz da lua próximo à Casa Desolada. Essa casa foi construída há trinta e sete anos; ou melhor, foi parcialmente construída, pois a noiva nunca chegou para habitá-la. Desde então, a casa segue abandonada, com as portas e janelas tapadas com tábuas, com o coração partido, assombrada pelos fantasmas das coisas que deveriam ter sido, mas não foram. Sinto muita pena dela. Seus olhos cerrados jamais viram nada; sequer têm lembranças. Jamais se viram, através deles, as luzes de um lar aconchegante – somente uma vez, há muito tempo, uma fogueira foi acesa lá [dentro](#). Teria sido uma casinha tão bonita, aninhada em meio às árvores da colina, puxando os abetos para se cobrir. Uma casinha calorosa e acolhedora. Uma casinha amável. Muito diferente da nova residência que Tom Semple está construindo.

Aquela sim é uma casa mal-humorada. Tem cara de megera, com seus olhinhos miúdos e cantos angulares. É impressionante como uma casa pode ter tanta personalidade antes mesmo que a habitem.

Uma vez, há muito tempo, quando Teddy e eu éramos crianças, arrancamos uma das tábuas de uma das janelas da Casa Desolada, pulamos para dentro e acendemos a lareira. Ficamos sentados ali, planejando nossas vidas. Combinamos de viver juntos naquela mesma casa. Acho que Teddy já se esqueceu dessa criancice. Ele me escreve com frequência, e suas cartas são sempre alegres e joviais, como ele mesmo é. Nelas, ele me conta toda a sua vida em detalhes, do jeito que eu gosto. Mas, ultimamente, noto que elas têm ficado meio impessoais. Poderiam muito bem ser tanto para Ilse quanto para mim.

Pobre Casinha Desolada. Acho que sua sina nunca vai mudar.”

7

“19 DE MAIO DE 19...

É primavera de novo! Jovens choupos-brancos carregados de folhas douradas e etéreas. Uma imensidão de golfo emoldurada de dunas lilases e prateadas.

O inverno passou com uma rapidez inacreditável, apesar das terríveis e obscuras três horas da madrugada, bem como dos crepúsculos solitários e desanimadores. Em breve, Dean regressará da Flórida. Mas nem Teddy nem Ilse virão para a cidade no verão.

Passei umas duas noites em claro por conta disso. Ilse vai para o litoral visitar uma tia; trata-se de uma irmã de sua mãe que nunca fizera muito caso dela antes. Já Teddy conseguiu uma oportunidade de ilustrar uma série de contos sobre a Polícia Montada do Noroeste [7](#) para uma editora de Nova Iorque e precisará passar os feriados no Extremo Norte, traçando os primeiros esboços desse trabalho. Obviamente, essa é uma oportunidade maravilhosa, e eu não me sentiria nem um pouco mal em relação a isso se *e/le* tivesse se sentido mal com o fato de não poder vir para Blair Water. Mas não foi o caso.

Sinto que agora Blair Water e a vida de outrora são como uma história velha e repisada para ele.

Não havia percebido o quanto ansiava pela vinda de Ilse e Teddy no verão e o quanto essa expectativa havia me ajudado a enfrentar algumas situações difíceis pelas quais passei durante o inverno.

Quando me lembro de que não vou ouvir o assobio de Teddy no bosque do altivo John Sullivan; de que não vou topar com ele em nosso belo e encantado caminho secreto junto ao riacho; de que não vamos trocar olhares eloquentes em meio à multidão quando algo significativo acontecer... quando me lembro disso, a vida perde a cor, e o que sobra é uma coisa xacoca e desbotada, feito um trapo

puído e velho.

A senhora Kent me encontrou no correio ontem e parou para conversar, algo que muito raramente costuma fazer. Para variar, ela continua me odiando.

– Imagino que você já saiba que Teddy não virá passar o verão na cidade.

– Sim, já sei – respondi, curta.

Um brilho triunfante e amargurado se insinuou em seus olhos antes que ela me desse as costas. Eu entendi muito bem esse brilho. Ao mesmo tempo em que está triste porque Teddy não virá passar o verão com *ela*, também está feliz porque ele não passará o verão *comigo*. Ela parece estar segura de que isso mostra como ele não se importa nem um pouco comigo.

Ouso dizer que ela está certa. Ainda assim, não há quem fique muito triste na primavera.

Ah, e Andrew está noivo! A prometida é uma moça que conta com a mais completa aprovação da tia Addie.

– Não poderia estar mais satisfeita; eu mesma não teria escolhido uma noiva melhor para ele! – disse ela esta tarde, dirigindo-se à tia Elizabeth e *contra* mim.

À sua maneira fria, a tia Elizabeth ficou feliz – ou pelo menos disse que ficou. A tia Laura chorou um pouquinho – ela sempre chora sempre que alguém de seu círculo de conhecidos nasce, morre, se casa, noiva, vai para longe, volta para perto ou vota pela primeira vez. Ela não conseguiu evitar uma leve sensação de desencanto.

Andrew teria sido um marido muito *seguro* para mim.

Definitivamente não há nada de arrojado em Andrew.

5 A era vitoriana compreendeu o período entre 1837 e 1901, quando a rainha Vitória governou o Reino Unido. Foi sucedida pela era eduardiana, que durou de 1901 a 1910, período em que Eduardo VII foi rei. Os termos “vitoriano” e “eduardiano” também são usados para caracterizar a literatura que se produziu em cada uma dessas respectivas épocas, de modo que é possível que a personagem esteja se referindo às peculiaridades estilísticas dos escritores desses períodos. Vale ressaltar que a narrativa deste romance se passa justamente entre os reinados de Eduardo VII e Jorge V. (N.T.)

6 Os “olhos cerrados” da casa são, na verdade, as janelas tapadas, e essa única vez à qual Emily se refere é o episódio do primeiro livro no qual ela e Teddy entram na casa e acendem uma fogueira. (N.T.)

7 A Polícia Montada do Noroeste (*North-West Mounted Police*, em inglês) foi uma força de segurança fundada em 1873, no contexto da expansão do Canadá para o oeste. Em 1920, se fundiu com a Força Policial do Domínio [do Canadá] (em inglês, *Dominion Police Force*), dando origem à atual Real Polícia Montada Canadense (*Royal Canadian Mounted Police* ou *Gendarmerie Royale du Canada*, em inglês e francês, respectivamente). Seus membros são corriqueiramente chamados de *mounties*. (N.T.)



Capítulo 3

1

De início, ninguém achava que a doença do professor Carpenter fosse muito séria. Nos últimos anos, ele sofrera vários ataques de reumatismo que o deixavam de cama por dias. Contudo, logo voltava ao trabalho, soturno e sarcástico como de costume, com uma língua ainda mais ferina que antes. Na opinião do professor, dar aula na

Escola de Blair Water já não era a mesma coisa. Seus alunos não passavam de um bando de jovens fanfarrões e endiabrados sem qualquer valor, nas palavras dele. Não havia um pobre diabo sequer que soubesse pronunciar “rubrica” ou “ruim”

adequadamente.

– Estou cansado de malhar em ferro frio! – dizia ele, rabugento.

Teddy, Ilse, Perry e Emily, os quatro alunos que haviam renovado a escola com uma lufada inspiradora de ar fresco, já estavam formados. Talvez o professor Carpenter estivesse um pouco cansado de... tudo. Considerando apenas a sua idade, não era absurdamente velho; porém, havia abusado muito da saúde durante os anos loucos da juventude. A pobre criatura tímida e apagada com quem fora casado morrera no ano anterior. O professor nunca pareceu se importar muito com ela, mas, depois do funeral, sua

“condição” se deteriorou rapidamente. Seus alunos ficavam pasmos com seu acinte e seus acessos de cólera cada vez mais frequentes.

Os membros do conselho escolar começavam a menear as cabeças e a falar em contratar um novo professor quando o ano letivo terminasse.

A doença do professor Carpenter começou como um ataque costumeiro de reumatismo, mas logo um problema cardíaco se revelou. O doutor Burnley, que foi examiná-lo apesar de suas obstinadas recusas a ver um médico, pareceu preocupado e, com ar de mistério, apontou uma falta de “vontade de viver”. A tia Louisa Drummond veio de Derry Pond para cuidar dele. O professor se sujeitou a isso com uma resignação ominosa, como se nada mais importasse.

– Façam como queiram. Ela pode vir, se isso os deixar mais tranquilos. Contanto que me deixe em paz, não me importa o que ela faça. Mas estejam avisados de que *não* quero que ela me sirva a comida, *não* quero que me afague demais e *não* quero que troque

meus lençóis. Também não suporto os cabelos dela; são lisos e lustrosos demais. Avisem a ela para dar um jeito neles. E aquele nariz? O que é aquilo? Ela parece estar sempre resfriada!

Todas as tardes, Emily ia passar um tempo com ele. Era a única pessoa que o velho fazia questão de ver. Não conversavam muito, mas ele gostava de abrir os olhos de vez em quando e trocar um sorriso furtivo com ela, como se estivessem rindo de alguma piada muito boa que só eles conheciam. A tia Louisa não entendia muito bem essa troca de sorrisos e, conseqüentemente, não a via com bons olhos. Era uma criatura bem-intencionada, com um sentimento verdadeiramente maternal em seu agostado peito de donzela, mas se sentia completamente desorientada diante desses sorrisos alegres e sapecas de seu paciente moribundo. Parecia-lhe muito mais apropriado que ele se dedicasse a pensar em sua alma eterna.

Ele não era membro da igreja, era? Não permitia nem mesmo que o ministro viesse vê-lo. Mas Emily era bem-vinda sempre que aparecia. A tia Louisa tinha lá suas desconfianças em relação a essa tal Emily Starr. Não era ela a que escrevia? Não fora ela quem pusera a própria prima de segundo grau em um de seus contos?

Talvez estivesse procurando “material” no leito de morte daquele pobre velho pagão. Só *isso* poderia explicar seu interesse nele, sem dúvida. A tia Louisa observou a jovem e macabra criatura com curiosidade. Subitamente, desejou que Emily não a pusesse em uma de suas histórias.

Por muito tempo, Emily recusou-se a acreditar que o professor Carpenter estivesse mesmo em seu leito de morte. Ele não poderia estar *tão* mal assim. Não sentia dor; não reclamava. Estaria bem tão logo o tempo esquentasse. Disse isso a si mesma tantas vezes que passou a acreditar. Não podia se permitir imaginar a vida em Blair Water sem o professor Carpenter.

Certa tarde do mês de maio, o professor parecia estar muito melhor. Seus olhos brilhavam com o costumeiro fogo satírico e sua voz

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Busca de Emily"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).